

# O dilema do elefante branco

Depois da Copa, o que fazer com estádios grandes demais para atender o público local? Quando a conta é alta, até a implosão pode ser a saída

Rodrigo Turrer

O destino do Estádio Olímpico de Londres, palco principal da Olimpíada de 2012, foi traçado em 2007. Após a cerimônia de encerramento dos Jogos, ele será total ou parcialmente demolido. Parece um despropósito levar ao chão, depois de algumas semanas de uso, uma construção que consumiu R\$ 12 bilhão. Mas a ideia de reaproveitar o espaço para um estádio menor e privado, no tamanho adequado à torcida de um time de futebol, convenceu as autoridades locais. O caminho mostra que demolir ou adaptar estádios são alternativas que devem ser discutidas sem medo no Brasil, cujos preparativos para a Copa de 2014 incluem a construção de várias arenas maiores que o necessário para suas cidades.

Um estudo elaborado pelo Sindicato Nacional de Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco) sugere que cinco dos 12 estádios previstos para a Copa de 2014 correm o risco de se tornar elefantes brancos. Na cidade-sede do Recife, os grandes times já têm estádios e dificilmente estarão dispostos a pagar caro para mandar seus jogos fora de casa. Já Brasília, Cuiabá, Manaus e Natal não têm times locais populares o bastante para encher as arquibancadas.

A futura Arena Manaus, no Amazonas, talvez se torne o mais branco dos elefantes da Copa. O campeonato estadual do Amazonas em 2011 reuniu, ao longo dos 80 jogos, um total de 37.971 torcedores. Todos eles caberiam com folga no novo estádio,

que terá 47 mil lugares. A renda dos jogos somou R\$ 339 mil, o que não pagaria um mês de despesas na nova arena, estimadas em mais de R\$ 400 mil. Em 2011, dois times do Amazonas disputarão a quarta divisão do Campeonato Brasileiro - nas três divisões superiores não há representantes do Estado. O campeonato estadual de Mato Grosso em 2011 reuniu, nos 72 jogos, 68.976 torcedores. É pouca gente para sustentar a Arena Pantanal, em Cuiabá, que terá capacidade para 43.600 espectadores.

Um ano depois de sediar a Copa do Mundo, a África do Sul ainda discute o que fazer com nove estádios deficitários. O mais custoso é o Green Point, na Cidade do Cabo, que consome R\$ 10,5 milhões por ano. Sua administração foi terceirizada para uma empresa experiente, que administra um estádio construído para a Copa da França. Ainda assim, ela devolveu a concessão à prefeitura por se julgar incapaz de cobrir as despesas. Apenas o Soccer City, em Johannesburg, dá lucro. Uma empresa privada, a Stadium Management South Africa (SMSA), organiza shows, competições esportivas, eventos religiosos e visitas turísticas.

Portugal também perde dinheiro para manter a estrutura criada para a Eurocopa de 2004. Dos dez estádios usados, seis foram erguidos com dinheiro público, ao custo de R\$ 2,4 bilhões. Nenhum foi repassado à gestão privada, por falta de interessados. O estádio da cidade de Aveiro abrigou dois jogos do torneio e custou R\$



140 milhões. Comporta 30 mil pessoas em uma cidade de 70 mil habitantes. O principal clube local, o Beira-Mar, não conseguiu ocupar 10% das cadeiras na última temporada. O custo anual de manutenção do estádio é de R\$ 8,9 milhões, dinheiro que sai do caixa da prefeitura.

**Diante de arquibancadas vazias e deficits financeiros, demolir esses monumentos ao excesso não parece uma ação drástica.** "É mais fácil pôr abaixo o que dá prejuízo", diz Augusto Mateus, ex-ministro da Economia e ex-secretário da Indústria de Portugal. A opção pela demolição é polêmica porque o custo pode ser alto. A demolição do Texas Stadium, da equipe de futebol americano Dallas Cowboys, custou R\$ 234,2 milhões, um sexto do valor total da obra do novo estádio. No Canadá, o custo para derrubar o Estádio Olímpico de Montreal, construído para sediar os Jogos de 1976, não saíria por menos de



## **Estádio Olímpico**

**Londres | Inglaterra**

### **Além do esporte**

Feito para ser demolido, não tem estrutura para restaurantes

### **Após a Olimpíada**

Dos 80 mil assentos, 55 mil foram feitos para ser removidos. Deve ser demolido e dar lugar a um estádio menor

## **Estádio Al Gharafa**

**Doha | Catar**

### **Além do futebol**

Aproveitar a estrutura usada na expansão provisória em residências

### **Após a Copa**

A capacidade cairá de 44 mil para 25 mil pessoas, com a retirada de arquibancadas móveis específicas para o evento

R\$ 781 milhões, segundo dois estudos encomendados pelo governo. A manutenção do estádio, nunca plenamente aproveitado, já consumiu R\$ 2,4 bilhões.

Ter um público capaz de lotar as arquibancadas ajuda, mas não é o único meio de tornar um estádio financeiramente viável. É importante pensar no uso além do futebol. O Arsenal, da Inglaterra, duplicou sua receita desde que inaugurou sua arena multiuso, o Emirates Stadium, em 2006. Só na temporada 2009/2010, lucrou R\$ 300 milhões. Metade desse lucro veio da venda de ingressos. A outra metade vem da concessão do espaço de 250 bares e quiosques para eventos, além de uma série de serviços para fãs, como museus, lojas e visitas guiadas.

"O jogo é um detalhe", afirma Ken Friar, diretor executivo do clube. "Um detalhe essencial, cercado por outros que nos ajudam a dar lucro." A Allianz Arena, o moderno estádio de Munique construído para a Cop.



## Para 2014 e além O que está previsto para os estádios da Copa no Brasil após o Mundial



### Estádio Nacional Brasília | DF

**Além da bola**  
Espaço para lojas, escritórios e restaurantes

**Após a Copa**  
O Distrito Federal espera outorgá-lo a empresas de entretenimento



### Arena Pantanal Cuiabá | MT

**Além da bola**  
Cinco andares com bares, lojas e uma faculdade

**Após a Copa**  
Uma licitação passará a gestão para uma empresa privada



### Arena da Baixada Curitiba | PR

**Além da bola**  
Escritórios e centro comercial

**Após a Copa**  
Continuará com o Clube Atlético Paranaense. O clube abriu licitação para a reforma



### Castelão Fortaleza | CE

**Além da bola**  
10.000 metros quadrados para comércio

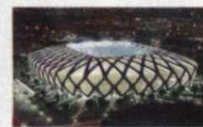
**Após a Copa**  
Parceria entre o governo estadual e um consórcio privado



### (Ainda sem nome) São Paulo | SP

**Além da bola**  
Lojas, bares, restaurantes e um museu

**Após a Copa**  
Parceria entre o Corinthians e a construtora Odebrecht, responsável pela construção



### Vivaldão Manaus | AM

**Além da bola**  
8.000 metros quadrados de salas para eventos

**Após a Copa**  
O governo estadual ainda estuda um modelo de licitação



### Mineirão Belo Horizonte | MG

**Além da bola**  
6.000 metros quadrados de lojas, bares e restaurantes

**Após a Copa**  
O consórcio Minas Arena controlará o estádio por 25 anos



### Arena das Dunas Natal | RN

**Além da bola**  
45 hectares de hotéis e prédios comerciais

**Após a Copa**  
O Estado e a construtora OAS partilharão a administração por 20 anos



### Beira-Rio Porto Alegre | RS

**Além da bola**  
Shopping center e hotel

**Após a Copa**  
Parceria entre o Internacional e a empreiteira Andrade Gutierrez, responsável pela obra



### Arena Pernambuco Recife | PE

**Além da bola**  
Shopping center, cinemas, teatro e museu

**Após a Copa**  
A Odebrecht ganhou a licitação para a construção e vai administrar o estádio



### Maracanã Rio de Janeiro | RJ

**Além da bola**  
Ganhará um museu, lojas e restaurantes

**Após a Copa**  
O governo estadual vai privatizar a concessão do estádio e das novas lojas



### Fonte Nova Salvador | BA

**Além da bola**  
Lojas, 46 bares e restaurante panorâmico

**Após a Copa**  
Um consórcio de duas empreiteiras vai operar o estádio por 35 anos

de 2006, na Alemanha, lucrou R\$ 200 milhões na temporada passada, com os jogos do Bayern e do 1860, os dois times locais que dividem a casa. Faturou outros R\$ 200 milhões com os bares, lojas e restaurantes que ocupam 4.000 metros quadrados do complexo, além dos auditórios e centros de conferência usados para convenções, que recebem quase 100 eventos por ano.

"A única maneira de não construir elefantes brancos é pensar em um espaço que não privilegie apenas o futebol", afirma Paul Fletcher, ex-diretor comercial de Wembley e especialista em administração de estádios. "Um estádio lucrativo depende de um projeto detalhado com a previsão dos espaços destinados para outros eventos, lojas e restaurantes." O planejamento também pode

prever soluções simples que gerem receita para os clubes fora dos jogos. "Antes de construir, é preciso analisar oportunidades de negócios que variam de cidade para cidade", afirma Henk Markerink, presidente da empresa que administra o Amsterdam Arena. Inaugurado em 1996, o estádio recebe entre 50 e 60 grandes eventos por ano, além dos jogos da equipe local, o Ajax.

Com um plano de reaproveitamento

**Clubes europeus dobraram o faturamento de seus estádios ao dar espaço a atividades além do futebol**

de estádios, uma Copa pode ser viável até em países sem qualquer intimidade com o esporte. Ao menos, essa é a aposta do Catar, sede da competição em 2022. Com 1,6 milhão de habitantes e um campeonato de futebol que atrai em média 12 mil pessoas por jogo, estádios para 60 mil torcedores seriam um desperdício. O plano prevê a construção de complexos que ajudem a desenvolver as cidades fora da capital, Doha. As maquetes já divulgadas prevêm construções desmontáveis, que teriam a capacidade reduzida depois da Copa. Outros estádios poderão ser reformados para dar origem a parques, hotéis e spas. Nada que dependa de uma bola rolando. ♦

Com Humberto Maia Junior

Fotos: divulgação